

A DEFESA DA VERDADEIRA IGREJA NO *DE CATHOLICAE ECCLESIAE UNITATE* DE SÃO CIPRIANO

THE DEFENSE OF THE TRUE CHURCH OF *DE CATHOLICAE ECCLESIAE UNITATE* OF SAINT CIPRIAN

ÁLISSE MURYEL FIGUEIRA DIMEIRA DOS REIS**

EMILSON JOSÉ BENTO***

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, BRASIL

Resumo: Este artigo abordará a problemática sobre “a verdadeira Igreja de Cristo” defendida pela apologética de São Cipriano, no século III, na obra *De Catholicae Ecclesiae Unitate* (DCEU). Para este fim, compreender-se-á as problemáticas que a Igreja vinha enfrentando desde os séculos I e II, assim, entendendo o desenrolar histórico e a maneira dos Padres de defenderem apologeticamente a verdadeira Igreja; utilizaremos os *Documentos de la Iglesia Antigua, Los Santos Padres* para o entendimento geral da temática. Deste modo, compreendendo a maneira dos Santos Padres de defenderem a Fé da Igreja e seus membros, por meio da exortação do próprio Cristo, ordenando os apóstolos a guardar em seu nome aqueles aos quais o Pai lhes havia confiado afim de que sejam um como o Filho e o Pai são um. Como fruto de nossa reflexão, culminando na apologética de S. Cipriano, entenderemos que a Igreja, até os tempos hodiernos se mantém firme por meio de sua Unidade, que se desenvolve dentro da Caridade que é o próprio Deus.

Palavras-chave: Cipriano. Apologética. Verdadeira Igreja.

Abstract: This article will address the issue of “the true Church of Christ” defended by the apologetics of St. Cyprian, in the third century, in the work *De Catholicae Ecclesiae Unitate* (DCEU). To this end, it will be understood the problems that the Church had been facing since the 1st and 2nd centuries, thus understanding the historical development and the way of the Fathers to apologetically defend the true Church; we will use the Documents of the *Iglesia Antigua, Los Santos Padres* for the general understanding of the theme. In this way, understanding the way of the Holy Fathers to defend the Faith of the Church and its members, through the exhortation of Christ himself, ordering the apostles to keep in his name those whom the Father had entrusted to them so that they may be one like the Son and Father are one. As a result of our reflection, culminating in the apologetics of S. Cipriano, we will understand that the Church, up to the present time, has been firm through its Unity, which develops within the Charity that is God Himself.

Keywords: Cyprian. Apologetics. True church.

* Artigo recebido em 07/04/2021 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 15/04/2021.

** Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9279550684777107> . E-mail: alissonmuryelbvm@gmail.com

** Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0619601367489471> . E-mail: pe.emilsonbento@gmail.com

1. Introdução

Os Padres da Igreja, representantes fiéis da Tradição¹, são os pilares da fé da igreja². Sem eles é difícil e quase impossível saber qual a verdadeira intenção da mensagem evangélica deixada pelo Cristo aos Apóstolos. A Igreja em qualquer tempo recorre a sua permanente riqueza para solidificar e solucionar as questões fundamentais da fé como resposta aos anseios presentes.

Esta garantia provém da autoridade comum que os Padres possuem. Os Padres ilustram o próprio significado deste termo (Padre). São os responsáveis primários pela fé de uma comunidade cristã. Porém, mesmo que dentro de suas doutrinas comuns, isto é, na consonância, eles apresentam problemas para o tempo em que viviam e é nesta ótica que devem ser lidos.

São Cipriano, objeto de estudo de nosso trabalho, se encontra entre um desses importantes fundamentos do desenvolvimento da doutrina católica. Ele, por ser um padre apologista, não faz jus deste título, pois é comum aos Padres serem pastores, mesmo que se faça necessário a defesa a tudo aquilo que ameace a Igreja de Cristo. A presente obra de Cipriano busca afastar o erro propagado pelos falsos cristãos aos simples fiéis transviando-os da fé autêntica. Para que a verdade prevaleça ante os cismáticos, hereges e até mesmo os imperadores, Cipriano, por sua apologia manifesta a verdade da doutrina às comunidades cristãs contra os diversos erros propagados às igrejas.

Nosso trabalho visa, em seus capítulos, apresentar a visão doutrinária sobre a Igreja e sua unidade por meio daquilo que fora exposto por este Padre. Dando conta que, uma das razões pelas quais a Igreja se mantém viçosa é a sua integridade e fidelidade à mensagem recebida e conservada pelos Apóstolos e seus sucessores. E que ela, assim preservada de todas as intempéries presentes manifestar-se-á esplendorosa, assim como o Cristo trazendo em si as marcas de dor e de glória. Porém, esse cuidado por parte dos apóstolos e de seus sucessores só foi possível por causa do encontro e da missão recebida de Cristo.

¹ O termo será empregado para se referir à Tradição Apostólica.

² Igreja Católica Apostólica Romana.

2. A autoridade dos Santos Padres

Após o chamamento dos doze por Jesus Cristo, a eleição de Pedro para reger a Igreja, a missão específica dos Apóstolos com o “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoarem os pecados ser-lhes-ão perdoados³; [...] Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo;⁴ “[...] fazei isto em minha memória”⁵. Ao instituir seu memorial, selou e consumou tudo o que havia dito, e o fez pela aceitação da morte de Cruz como o verdadeiro elo de unidade entre o Céu e a terra, nascendo do seu lado aberto a Igreja, sinal permanente da ação de Deus pelo Cristo, no Espírito e a perpetuação dessa salvação pelos séculos⁶. A salvação dos homens se dá em Deus, por Cristo, e é presentificada pelo Espírito mediante a Igreja na pessoa dos Apóstolos. Eles são as autoridades legitimamente competentes para atualizar e reavivar esta mesma salvação outrora dada pelo Cristo.

A Autoridade dos Padres - alguns sucessores dos Apóstolos⁷ – inicia-se dentro das primeiras igrejas cristãs. Num primeiro momento não se trata tanto da apologética, mas sim, da paternidade apostólica⁸. Esta paternidade se desenvolve mediante o cuidado dos Apóstolos pela Igreja e pela fé dos fiéis. Por isso notam-se, nas cartas, as chamadas exortações⁹, que tem como base: 1º fé dada pelo próprio Senhor e sustentada pelos Apóstolos; 2º os ensinamentos da Tradição; 3º a defesa da verdade ensinada.

O 3º aspecto surge no final do século II ao V por causa da conversão de muitos pagãos ao cristianismo; a partir do momento que os recém-convertidos assumem o cristianismo, estes acabam afastando-se da verdade de maneira gradativa. Alguns inconscientemente, outros, intencionalmente. Esta sutileza dos hereges é perceptível na obra “Contras as Heresias” de S. Irineu: “[...] pela arte das palavras, induzem os mais simples a pesquisas e, omitindo até as aparências da verdade, levam-nos à ruína, tornando-os ímpios e

³ Jo 20, 22-23.

⁴ Mt 28, 19.

⁵ Lc 22, 19.

⁶ Cf. IRINEU. 2016.

⁷ O termo “Padre”, primordialmente referia-se exclusivamente aos bispos, no entanto, com o passar dos anos, por volta do século IV, referir-se-á à ideia de “Mestre”, adquirindo maior abrangência.

⁸ Essa atitude dos Padres em relação aos fiéis, tratando-os como “filhos” é muito comum nos séculos I e II. Até mesmo o Apóstolo S. Paulo incessantemente chama os fiéis de “filhinhos” devido à fraqueza ou debilidade na fé. É “um cuidado dos fiéis com o mesmo amor e espírito de sacrifício com que o pai cuida dos filhos” SIGFRIDO, 1946, p.29.

⁹ Cf. Gl 5, 14-15: “Pois toda lei está contida numa só palavra: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo.” Mas se vos mordeis e vos devorais reciprocamente, cuidado, não aconteça que vos elimineis uns aos outros.”

blasfemos contra seu Criador, os que são incapazes de discernir o falso do verdadeiro.”¹⁰. A necessidade de tal defesa é muito bem explícita no Prólogo desta mesma obra. Irineu afirma o seu desejo de destinar a vida apenas à prática do Evangelho, no entanto, as necessidades acabaram exigindo da Igreja uma resposta, primeiro, pelo seu próprio bem e depois pelo bem da comunidade.

Esta maneira de fazer permanecer viva a chama da Fé, em outras palavras, a fortaleza da Igreja, só é possível mediante a unidade desta (a Cristo), cuja importância é estritamente manifestada por meio da última oração de Jesus: “[...] Pai santo, guarda-os em teu nome os que me deste, para que sejam um como nós.”¹¹.

O fato essencial de estar unida à verdadeira videira é extremamente manifestado nos primeiros documentos da Igreja primitiva. O estar ligado *ad Ecclesiae*¹², além de substancialmente ser uma garantia da construção da identidade cristã, assegura uma realidade espiritual e vital, pois, como afirma... “a unidade da Igreja é a base de segurança espiritual, de sua vida e, por conseguinte, de sua alegria, que é sinal de vida”¹³. Portanto, no cristianismo primitivo, existia uma dupla compreensão da unidade eclesial. A Igreja como um todo, um Corpo, e a/as igreja/as, comunidades particulares guiadas por um pastor (bispo).

A unidade da Igreja se apresenta sob três aspectos: 1º A unidade intrínseca e essencial (incorporação). Os homens se tornam membros pertencentes ao Corpo; 2º a unidade externa (comunhão natural/verdade). A comunhão por meio da busca pela verdade, ou àqueles aos quais não escutaram o anúncio do Evangelho; 3º a unidade por meio do anúncio (Tradição). Onde se expressa de maneira autêntica a identidade e unidade da Igreja¹⁴. Estes três aspectos, ao longo dos cinco primeiros séculos, são a base das discussões dos Padres da Igreja.

A defesa da fé revelada pelo Cristo, comunicada pelos Apóstolos e sustentada por seus sucessores sempre foi algo muito comum no período da Igreja primitiva, principalmente a partir do final do século II. As preocupações dos Padres eram: viver os preceitos; ensinar permanecendo santa, prudente e constantemente na fé e na comunhão, mesmo que merecessem morrer pelo Cristo. Dar sua vida pelo Cristo.

¹⁰ IRINEU, 2016, Livro I, Pr, 1

¹¹ Bíblia de Jerusalém, 2013, Jo. 17, 11.

¹² Tradução: à Igreja

¹³ SIGFRIDO, 1946, p. 17- 18.

¹⁴ Ibid.

Deus, tendo posto os Santos Padres como luminares da Igreja, são, sem sombra de dúvida, firmes e inabaláveis pilares da autêntica Fé recebida da Igreja e, mesmo que ainda haja neles alguma falibilidade na explicação, não por causa do conteúdo, mais por causa dos instrumentos utilizados para a clarificação da Fé. Ou seja, dentro de certos fatos como: “Sobre a validade ou não do Batismo ministrado pelos Hereges”, respondida apologeticamente por Cipriano e alguns outros Padres¹⁵. Ver-se-á somente com Santo Agostinho a sistematização de que o Batismo independe da dignidade daquele que o ministra, mas sim, da própria ação do Espírito-Deus. Tal exemplo ilustra a tentativa dos Padres à defesa da Igreja mesmo que ainda com poucos instrumentos¹⁶.

3. A caridade como unidade

A obra *De Catholicae Ecclesiae Unitate* (251), de Cipriano de Cartago, surge dentro do argumento e da ocasião de cisma que Felicíssimo e Novaciano haviam semeado¹⁷. Cipriano pretende com esta obra estabelecer uma doutrina segura para acabar com os problemas que invadem o âmago da Igreja e das igrejas. Busca provar que não há outra Igreja além da verdadeira, funda e deixada pelo próprio Cristo. A Igreja constituída pelo bispo, clero e pelos fieis unidos entre si ao bispo¹⁸.

No entendimento de São Cipriano a unidade da Igreja se sintetiza na caridade. Esta, Unidade e Caridade, que remetem primordialmente a Deus, a própria Caridade e Unidade, e depois ao próximo, no interior da comunidade eclesial. Estas duas realidades, a Unidade e a Caridade, compõem a Igreja em seu todo. Hierárquica: pastores e membros; e Mística: Igreja Celeste, Padecente e Militante¹⁹. Somente em Deus, na Trindade - que é Una e Caritativa em si - que há a união perfeita da Igreja com seu Criador.

¹⁵ A temática se inicia no começo do século III por causa das heresias. Encontrará sua conclusão somente do final do século IV como nota São Sirício, 384-398: “muchísimos de los bautizados por los impíos arrianos se apresuran a volver a la fe católica e que algunos de nuestros hermanos quieren bautizarlos nuevamente: lo cual no es lícito. [...] nosotros los asociamos a la comunidad de los católicos, como está establecido em el Concilio, com sola la invocación del Espíritu.” DENZINGER, 1961, N° 88 P. 32.

¹⁶ Não devemos confundir com as problemáticas eclesiológicas, ou discussões eclesiológicas vindouras. Os concílios, neste diacrónico processo, tiveram um papel fundamental para a sustentação da verdadeira doutrina da Igreja e a propagação da mesma.

¹⁷ Quase todas as heresias, neste período, têm por centralidade a discussão sobre a Trindade. Tanto o cisma de Felicíssimo quando de Novaciano estão ligados particularmente com os problemas internos entre os bispos e suas disciplinas; ambos acabaram fundando outras igrejas lapsis (contra-igreja) cf. Daniel-Rops (2014, p. 337;370); cf. DE BONI. **O estatuto das perseguições dos cristãos no Império Romano**. 2014.

¹⁸ INSUELAS. 1943

¹⁹ BENTO XVI, **Audiência geral, São Cipriano**. Vaticano, 2007

Por isso ele afirma que: “Com suas divinas instruções [o Decálogo] nos têm ensinado pela unidade e a caridade, e incluindo em um mesmo preceito a Lei e os Profetas”²⁰. Cipriano entende que o cumprimento dos mandamentos - amar a Deus e ao próximo - é a união entra a Igreja e seu fundador. Desta forma, quem se encontra fora da Igreja, quem se encontra dividido, não poderá se salvar, pois, afastou-se da caridade que é o elo da perfeição. Porque a divisão destrói a fé, perturba a paz, profana o sacramento. Logo, destrói a igreja e banaliza a caridade. Assim, o que não está na caridade é um mentiroso: “quanto a nós, amemos, porque ele nos amou primeiro. Se alguém disser: “amo a Deus”, mas odeia o seu irmão, é um mentiroso”²¹. Estas afirmações num primeiro momento podem parecer um pouco duras, no entanto, se tornam mais compreensível no momento histórico no qual o Padre as escreve, vendo a igreja sendo dividida.

E aquele que está na caridade deve também estar na Igreja, na Unidade da Igreja: “Este é o mandamento: crer no nome do seu Filho Jesus Cristo e amar-nos uns aos outros conforme o mandamento que ele nos deu. Aquele que guarda seus mandamentos permanece em Deus e Deus nele.”²². O Decálogo, conforme nota Cipriano, é o elã entre a Igreja e o Cristo; entre o homem, com a Igreja a Deus. Pois, é necessário a justiça para possuir os méritos de Deus: “A justiça é a obra necessária, àqueles que desejam possuir os méritos que Deus julgar. Devemos observar e obedecer às suas instruções e advertências, para que possam receber a recompensa de nossos méritos”²³.

Para S. Cipriano, o decálogo é o cumprimento, ou, a justificação do homem em Cristo a Deus. Cumprir o decálogo é ouvir a voz de Deus e de Cristo; viver autenticamente a veste do batismo recebida. O cumprimento do decálogo é a perfeição ou a união a Deus. Em Cristo há (de maneira simbólica) o cumprimento dos preceitos. Ele mesmo recebe os méritos deste efetivo cumprimento; recebe os méritos em favor dos seus e não de si mesmo. Podemos dizer que Cristo é o primeiro cumpridor do Decálogo, pois, é aquele que uni a humanidade e garante os méritos necessários para a salvação. Assim, pelo cumprimento do decálogo, o homem, vivenciando seu batismo, se une a Cristo-Igreja, recebendo os méritos do Filho de Deus.

²⁰ “Unitatem simul et dilectionem magisterio suo docuit, prophetas omnes et legem praeceptis duobus inclusit” CIPRIANO, nº 15. (Tradução nossa).

²¹ 1 Jo 4, 19-20.

²² Idem, 3, 23 – 24.

²³ “Justitia opus est, ut promereri quis possit Deum judicem. Praeceptis ejus et monitis obtemperandum est, ut accipiant merita nostra mercedem” CIPRIANO, nº 15 (Tradução nossa).

Em sua obra CEU – Sobre a Unidade da Igreja Católica –, São Cipriano alerta sobre os falsos cristãos, travestidos de grandes e piedosos doutores, falsos portadores da doutrina. Quando, na verdade, são lobos, víboras, serpentes, com suas contínuas sutilezas, com suas aparências de paz, mas na verdade engano, conduzindo os incultos ao próprio erro.

Para nós “é mais fácil ter cautela quando identificado o que temer: pois, o ânimo se prepara para a luta, quando se apresenta e se identifica o inimigo”²⁴. Esta é a primeira grande problemática que permeia toda a sua apologética: identificar o inimigo para combatê-lo. Mas, uma pessoa simples não consegue identificar o erro por trás de meias verdades. Os falsos cristãos “tratam com palavras mentirosas, com palavras pouco instruídas por sua incauta credulidade”²⁵, conduzindo o povo ao mesmo erro.

O que outrora ocorreu com Eva, que foi tentada no jardim pela serpente por meias verdades, ou, o erro travestido de verdade²⁶. O mesmo aconteceu com Jesus na sua vida oculta ao ser tentado²⁷. Os hereges e cismáticos utilizam-se do mesmo artifício. Tentam de maneira astuciosa, sabendo a que público se dirige, com o desejo de afastá-los da verdade, atraindo-os a si. Por isso Cipriano os compara a víbora, cobras, pois é função desta a sutileza pelas meias verdades, com o objetivo de conduzir a si e não a Deus.

As falsas doutrinas não eram uma novidade no meio cristão primitivo. Em Mc 13, 20-23, o Senhor alerta sobre os “falsos cristos” que surgiriam, autodenominando-se messias e profetas, que apresentariam sinais e prodígios com o objetivo de enganar os pequenos e simples. E disse: “ficais atentos”. Disse isso para que pudessem, os seus, permanecerem fiéis à verdade e a caridade. Esta é a função do bispo na igreja: mostrar aos membros do corpo a autenticidade da Fé ante as mais diversas aparências e inaparências.

Mas como poderá o homem alcançar a imortalidade se não observa os mandamentos de Cristo? Como poderá o homem se salvar se não está unido à verdadeira videira?

Para que o homem possa se salvar, alcançar a imortalidade deve, acima de tudo, estar permanentemente fixado na pedra sólida que é Cristo, pois, “estes [os que estão nela] estão reforçados contra todas as tempestades e borrascas do século com uma firmeza imóvel

²⁴ “Facilior cautio est ubi manifesta formido est, et ad certamen animus ante praestruitur, quando se adversarius confitetur. Plus metuendus est et cavendus inimicus” Idem, nº 1. (Tradução nossa.)

²⁵ “Sic ab initio statim mundi fefellit et verbis mendacibus blandiens rudes animas incauta credulitate decepit” Ibid. (Tradução nossa).

²⁶ Cf. Gn 3, 1- 20

²⁷ Cf. Mt 4, 1-11; Lc 4, 1-13

e inconcussa”²⁸. Se o cumprimento do Decálogo nos dá vida em Deus e na Igreja, o afastamento do Decálogo nos gera morte, nos afasta da Caridade e da Unidade. Ora, como poderá permanecer firme e vivo, alcançar a salvação, o que sabendo desta verdade, desta pedra, insiste construir a vida sobre a areia? Assim, não pode crer em Cristo aquele que não pratica o que mandou o Senhor.

Portanto, temos na objeção I a identificação do erro: “a instrução astuciosa por parte dos falsos cristãos”. Na II objeção: “a fundamentação doutrinária” e a afirmação interrogativa: “Como poderão viver os que não vivem os Mandamentos?!?”.

4. Simbologias da unidade e da verdadeira igreja

Dentro do corpo da Sagrada Escritura existe um sentido próprio, o que chamamos de “sentido literal”, são o evento propriamente dito; o fato. Na Idade Média surge a harmonização entre as diversas características presentes no Corpo da Escritura Sagrada. O que no cristianismo primitivo era feito por termos isolados, na Idade Média torna-se regra.

Os Padres, pela apologética²⁹, buscavam dentro do contexto literal e histórico algo que se referisse efetivamente ao evento Cristo e a vida presente da igreja. Percebe-se muitas vezes a utilização de Metáforas; Simbologias; Alegorias; Analogias³⁰.

Os Pais da Igreja criaram um método de interpretar a Bíblia que se desdobra em dois planos o “sentido literal” ou histórico e o “sentido pleno”, pelo qual se tentava perceber a revelação do mistério de Cristo, da Igreja e da pessoa humana chamada a tornar-se “nova criatura”. [...] o sentido mais pleno, falavam de “alegoria” (perceber a verdade em grau superior) e “tipologia” (imagens, antecipações de Cristo, da Igreja ou da pessoa renovada pela fé.)³¹.

²⁸ “Hos denique fortes dicit et stabiles, hos super petram robusta mole fundatos, hos contra omnes tempestates et turbines seculi immobili et inconcussa firmitate solidatos” Idem, n°2 (Tradução nossa).

²⁹ É a arte de fazer apologia, defender uma ideia ou alguém. Defender, dar razões racionais da própria fé ou crença etc. Durante o primeiro século não foi necessário utilizar tal ferramenta, pois, o ambiente cristão era vivo, as conversões recentes, as heresias não haviam surgido. Para alguns Padres, a Teologia cristã era a própria filosofia encarnada (a verdade) cf. FEDALTO.

³⁰ **Metáfora** é a troca da significação natural de uma palavra por outra em virtude da semelhança entre ambas. Como em Mt 13, 24: “o reino dos céus é comprado ao...”; **Simbologia**, trata-se do ato de dar significação a um objeto específico, como as simbologias numéricas presentes nos escritos joaninos (sacramento); **Alegoria**, exposição de um pensamento sob forma figurada buscando dar um sentido diverso do original; como a serpente levantada no deserto; **Analogia**, é o ponto de semelhança entre coisas em si mesmas diferentes, originando uma nova ideia; presente por exemplo na relação entre a cabeça-membro-corpo. (Idem).

³¹ JÚNIOR. 2017 p. 19.

A Unidade da Igreja é apresentada por S. Cipriano por meio de várias analogias³². A primeira delas é a solidez, apoiando-se na ideia de “pedra”³³. Ideia que expressa o fundamento da Igreja, como inabalabilidade. Aquela que não é afetada pelas intempéries da vida presente - não por causa da sua naturalidade, mas sim, por estar fundada sobre a base sólida que é o próprio Cristo-Deus. Agora, quando a igreja³⁴ deixa-se levar pelas más doutrinas ou falsas doutrinas acaba se afastando da Igreja. Aparta-se da verdade, do Cristo e da Unidade. Logo, afastam-se dos mandamentos que conduzem à verdadeira Unidade na Caridade.

Cristo quis permanecer neste mundo. Estabeleceu uma Cátedra doutrinal sobre Pedro – pedra. Estabeleceu sobre ele a verdade, o poder das chaves de acordo com tudo o que havia ensinado e feito. Por isso quando Cipriano no n° 3 afirma: “Isto acontece, irmãos caríssimos, quando a vista não está voltada para a origem da verdade, nem se busca a cabeça, nem se observa a doutrina do Mestre celestial”. Trata-se do axioma das cismas e das heresias, o afastamento da verdade. Deus, em sua onisciência, preservando sua Igreja desta espécie de desalinho, estabeleceu a verdade, a si próprio. A partir de um júri (Pedro), sustentado pela rocha, que opera somente pela orientação do Mestre celestial.

Para manifestar a unidade, estabeleceu uma cátedra, e com sua autoridade dispôs que a origem desta unidade começasse com um. Certo que os Apóstolos eram o mesmo em relação a Pedro, adornados com a mesma participação de honra e poder; mas o princípio emana da unidade. (A Pedro foi dado o primado), para que se manifeste que é uma a Igreja de Cristo (e uma a cátedra). Todos são pastores, mas um é somente o rebanho, apascentado por todos os Apóstolos de comum acordo³⁵.

Tal ideia expressada por Cipriano evidencia que um único é o rebanho, uma única é a Fé recebida e um único é o Cristo donde provém a verdade e sentido do próprio pastoreio dos Apóstolos³⁶. Assumir tal Fé é relacionar-se em comunhão com um corpo, buscando a

³² Especificamente, nosso apologista não falava entronado, no entanto, com a autoridade de pastor. Tinha virtude do discurso aberto, de modo não formoso; fiel aos evangelhos; eficaz na persuasão. Toda sua vida de apologista consistiu em: defender suas ovelhas e a Igreja dos lobos. SIGFRIDO. 1946.

³³ Cf. Mt 16, 18.

³⁴ São Cipriano parece se referir aqui às pessoas incorridas no erro contra a Unidade, e que, afastando-se dela, logo se afastam de Cristo e da sua Igreja.

³⁵ “tamen ut unitatem manifestaret, (unam cathedram constituit et) unitatis ejusdem originem ab uno incipientem sua auctoritate disposuit. Hoc erant utique et ceteri apostoli quod fuit Petrus, pari consortio praediti et honoris et potestatis (4), sed exordium ab unitate proficiscitur (et primatus Petro datur), ut Ecclesia Christi una (et cathedra una) monstretur. (Et pastores sunt omnes, et grex unus ostenditur, qui ab apostolis omnibus unanimi consensione pascatur, ut Ecclesia Christi una monstretur)” (CIPRIANO, n° 4. Tradução nossa).

³⁶ Idem, n.16

Deus como fim último, confiando-se aos cuidados de um pastor que exerce às vezes de Cristo e da Igreja.

O vincular-se à verdade (Deus) é a condição necessária para a vida na Igreja. Fora estabelecida pelo próprio Senhor àqueles que, arrependendo e convertendo-se de seus pecados, recebendo o batismo, a Fé, os dons do Espírito, seriam chamados Filhos de Deus³⁷. Isto é, pertencentes ao Corpo de Cristo, a Igreja. Todos os homens foram, na criação, revestidos de uma mesma dignidade, de criaturas de Deus; pelo e com Cristo, os homens são partes integrantes de um mesmo Corpo.

Para que os homens cheguem à plenitude da verdade, Cristo confere aos Apóstolos o mandato missionário para integrarem os homens afastados ou, os quais não conheceram a verdade da fé - na unidade pela caridade -, em um único e mesmo Corpo. Podendo, uma vez na união, na Igreja, alcançar a salvação e a perfeição.

Uma vez recebido o batismo, os neófitos são revestidos da roupagem que os torna filhos adotivos de um mesmo Pai³⁸. Agora, todos devem estar em comum acordo e em comum veste dada pelo próprio Cristo quando santificou a água e elegeu os seus³⁹. Portanto, por esta graça, tornamo-nos “um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos”⁴⁰.

Cipriano, no nº 5 exorta os episcopos, cujo dever é conservar e defender firmemente a Igreja. Para que isto ocorra, é necessário que o episcopado seja um, à semelhança do próprio Cristo e de sua Igreja.

Da mesma forma que um é o Sol, que é Cristo Jesus, e, muitos os raios que emanam do Divino sol; muitas as ramas que crescem a partir desta soberana videira⁴¹. Cujá vida só é possível se o tronco que os liga estiver constantemente ligado a raiz, que transmite a vida. Muitos são os mananciais, porém, uma é a água que os vincula. Assim, como o raio de sol não pode existir sem o sol, os ramos sem a árvore, e os mananciais sem a água. O

³⁷ Sobre a conversão dos primeiros cristãos e a recepção do Batismo, nota o judeu Flávio Josefo. “Quando alguém pretende entrar no seu grupo, não é logo aceito, mas proscvem-lhes, durante um ano, o mesmo modo de vida que eles vivem. [...] depois desta demonstração de coragem, é a vez de testar a sua paciência durante mais dois anos; e se parecer digno, só então é admitido na sociedade. Antes de comer em comum com os outros, é obrigado a prestar juramentos solenes de que será piedoso para com Deus [...]”. (ANTOLOGIA LITÚRGICA, 2015 nº 154c).

³⁸ Cf. SESBOÛÉ. 2006, p. 56-57.

³⁹ Cf. Tomás de Aquino, Suma teológica, IV, q. 66, art. 3.

⁴⁰ Ef 4, 4-6.

⁴¹ Cf. CIPRIANO. nº 5

Cristão jamais poderá subsistir se não estiver ligado ao tronco que conduz a Deus. Recorrendo a uma cadeia de analogias, Cipriano busca demonstrar por meio desta cadeia de relações simbólicas o que é a Unidade e a sua necessidade para a própria salvação do homem; e mais ainda, o sentido próprio do Ser da Igreja.

Este tronco - assim como os episcopos - deve ser o reflexo desta perfeição que é Deus. Afastar-se desta ideia, ou negá-la, é adulterar a Igreja do próprio Senhor. Pois, afirma São Cipriano: “Não se pode adulterar a esposa de Cristo, é incorruptível e casta; não conhece mais que uma só casa e guarda com seu casto pudor a santidade de um só leito”⁴².

Barbosa, em seu artigo, a partir de uma análise eclesiológica histórica, apresenta que a Igreja detém em si uma dupla característica “santa e pecadora”. No entanto, estes dois atributivos são em *per se* antagônicos. A partir da análise sobre a identidade da Igreja de Boardman, pode-se afirmar que seria um afastamento da própria identidade. Assim nota Barbosa: “Ela (Igreja) é a única que pode assumir em si dupla característica de ser santa e pecadora, sem com isso cair em contradição de identidade, pois que é humana e divina em sua própria constituição”⁴³.

Já em plano contrário Boardman afirma que: “devemos estar cientes de que a ação de Cristo é vital na ação da Igreja. Cristo exerce a função de Cabeça da Igreja. Pois, ao agir, a Igreja reflete a vontade de seu fundador, a de salvar as almas. Também não podemos esquecer que um membro da Igreja, ao pecar, sai desta comunhão, pois já não está mais em Cristo”⁴⁴.

O ato de pecar (ou ser pecadora) é intrínseco ao afastamento total (por si) ou parcial (por causa). Ora, a Igreja não pode jamais afastar-se daquilo que é. Afastar-se do seu fundador (Cristo não peca, logo, nem sua Igreja). A ideia sustentada por Boardman é a mesma que Orígenes e Cipriano⁴⁵. O afastamento da comunhão incute em adultério (cisma ou heresia). Enquanto Barbosa partindo da perspectiva histórica olha a igreja enquanto povo, Boardman, por sua vez, a observa com os Padres, sob o olhar sócio-místico, isto é, a Igreja enquanto congregação dos justificados pelo batismo – sua ótica tende a ser mais totalizante

⁴²“Adulterari non potest sponsa Christi, incorrupta est et pudica. Unam domum novit, unius cubiculi sanctitatem casto pudore custodit” CIPRIANO. N.º6 (Tradução nossa).

⁴³ BARBOSA, 2000 p. 267

⁴⁴ BOARDMAN. 2015 p. 23; cf. SESBOÛÉ. 2006, p. 56.

⁴⁵ Cf. Ibidem; O mesmo afirma o pe. Sesboüé ao dizer: “La interpretación se impone a partir del conjunto de estas fórmulas perentorias es completamente semejante a la del texto de Orígenes” e diz ainda “Cipriano no considera en modo alguno la salvación de los infieles” (2006, p. 59). A única preocupação de Cipriano é a defesa da unidade da Igreja católica.

que a de Barbosa que observa somente sob certo aspecto, embora não busquemos responder ao problema no presente artigo.

Embora a igreja seja constituída de pecadores, estes, por sua vez, só podem ser considerados cristãos se estão intrinsecamente ligados a Cristo (batismo, via ordinária). O sacramento da penitência é a ferramenta que garante esta religação/comunhão ao Corpo que é Cristo. Ora, se Cristo integralmente não peca, seu corpo não pode pecar; logo, a Igreja, que é o corpo de Cristo não peca, caso contrário não pertenceria a Cristo, pois o pecado (*per se*) além de ser um afastamento de Deus é uma espécie de adultério. É preferir outro leito, outra casa mesmo sabendo a quem se pertence⁴⁶.

Todos aqueles que se separam, privam-se das promessas feitas à Igreja⁴⁷. Não chegarão a conseguir os prêmios que o próprio Cristo destina aos que o amam, simplesmente por terem abandonado a arca de Noé⁴⁸. Cipriano se refere aos prosélitos que se afastaram da verdadeira arca de Noé, da verdadeira Igreja de Cristo. Não bastando somente o afastamento próprio, induziam os demais ao mesmo erro. Nosso autor trata estritamente daqueles que se afastaram por própria culpa, aqueles que conheceram a verdade da fé; e não aos que não conheceram o anúncio do evangelho. Quanto a esses, existe uma graça que opera além-espaço-tempo. Como múltiplas são as luzes de um único e mesmo sol.

O que não guarda a Unidade não guarda a lei de Deus (Decálogo) que é a Unidade dos filhos com o Pai, de Deus com os seus. Não guarda a fé do Pai e do Filho, logo, não é dignificado com a possessão da vida e da saúde. É um estranho, é um profano. Não é digno da veste que até então trazia consigo.

5. A Igreja como a “veste sem costura”

Outra simbologia presente na obra CEU, é a ideia de veste sem costura⁴⁹. Esta simbologia é - segundo o nosso entendimento - a maior de todas as representações feitas por S. Cipriano. Retorna à ideia primordial do Batismo, pelo qual, os novos filhos de Deus são revestidos da dignidade (regenerados em Cristo) e incorporados no único Corpo. É por meio

⁴⁶ Cf. CIPRIANO. N° 6

⁴⁷ “Aquele que comete pecado divide e se afasta de Deus, porque o diabo é o pecador desde o princípio”. (1 Jo. 3, 7-10.)

⁴⁸ Cf. SESBOÛÉ. 2006, p. 51

⁴⁹ Cf. CIPRIANO. N° 6; Jo 19, 23-24; Sl 22, 19.

dele que todos os fiéis são integrados (membros vivos) a Igreja, ao Corpo. Assim, é nesta veste que todos os cristãos tornar-se-ão participantes do mesmo sacerdócio de Cristo.

Uma vez Cristo sendo o sacerdote por excelência, é, ofertante e ofertado; e sendo o seu sacrifício perfeitíssimo a Deus. O homem, agora regenerado, chamado às vezes do Cristo, dando testemunho da fé, ao martírio; pois, “não pode ser mártir o que não está na Igreja; não pode chegar ao reino o que abandona o reino. [...] não pode chegar a ser mártir o que não guarda a caridade fraterna.”⁵⁰.

Portando, a ideia que permeia todo o discurso apologético de S. Cipriano é destinado exclusivamente aos quais, pelo afastamento tentam corromper e romper a Unidade da Igreja.

Este sacramento da unidade, este vínculo de concórdia inseparável, nos dá a conhecer quando nos fala no Evangelho da túnica de Cristo, a qual não pode ser dividida nem rompida, senão, lançando sorte sobre ela para ver quem será a única [pessoa] que se vestirá com ela; uma somente recebe a posse íntegra e indivisa. [...] ela figura a unidade que vem do alto, isto é, do céu e do Pai; a qual não pode ser rompida pelo que recebe a posse, senão o que goza de toda sua solidez e firmeza de uma maneira inseparável. Não pode chegar à posse da túnica do vestido de Cristo, o que rompe e divide a Igreja de Cristo⁵¹.

A partir da simbologia da veste de Cristo, indivisa, incorrupta, inviolada. Não podendo jamais ser dividida por causa do próprio tecido que a compõe/sustenta (Deus). O homem, só consegue alcançar o cume da sua própria vida, se e somente se estiver trajado das vestes batismais que o incorporam ao Cristo, a Igreja (via ordinária). Esta veste é a porta de entrada para a Caridade. Lugar da salvação⁵². Trata-se da uma única veste que deve ser trajada e dignamente merecida.

⁵⁰ “Esse martyr non potest, qui in Ecclesia non est. Ad regnum pervenire non poterit, qui eam quae regnatura est dereliquit [...] Exhibere se non potest martyrem, qui fraternal non tenuit caritatem” Idem. N° 14. (Tradução nossa).

⁵¹ “Hoc unitatis sacramentum, hoc vinculum concordiae inseparabiliter cohaerentis ostenditur, quando in evangelio tunica Domini Jesu Christi non dividitur omnino nec scinditur, sed sortientibus de veste Christi quis Christum indueret, integra vestis accipitur et incorrupta atque indivisa tunica possidetur. [...] Unitatem ille portabat de superiore parte venientem, id est de coelo et a Patre venientem, quae ab accipiente ac possidente scindi omnino non poterat, sed totam simul et solidam firmitatem inseparabiliter obtinebat. Possidere non potest indumentum Christi qui scindit et dividit Ecclesiam Christi” (Idem. N° 6. Tradução nossa).

⁵² Importante notar que S. Cipriano não deseja excluir da salvação àqueles que estão foram de Igreja. Mas sim, “está ocupado somente em salvar a unidade da Igreja, e não tem interesse em falar nada a respeito da salvação da humanidade.” (AMARAL. 2012 p. 28).

Cipriano ilumina a Igreja no ditame à morte dos heréticos. Ele afirma que é impossível o “martírio” àquele que está fora da unidade, bem como a própria salvação⁵³. Pois, por testemunha se entende um cristão íntegro, digno de imitação. Uma vez que este se pôs contra a Igreja, não há integridade; logo, não se trata de uma testemunha⁵⁴.

Cristo estabeleceu uma Igreja, confiada a Pedro. E deu a ela a missão de, na unidade, anunciar aquilo que Ele mesmo havia transmitido. A ação da Igreja – pelos sucessores dos Apóstolos-, bem como dos mártires é e deve ser na Unidade pela Caridade. Na Igreja, por Cristo, a Deus.

6. Considerações Finais

Ao findar das nossas elucubrações percebemos que este olhar eclesiológico presente em muitos dos textos da Tradição, de modo específico no *corpus* ciprianístico, é luz para boa parcela do desenvolvimento doutrinal e pastoral da Igreja. Todo o agir da Igreja em sua integridade se dá a partir do anúncio da Revelação, pelo mandado missionário, no Corpo de Cristo. Pois, o agir da Igreja encontra-se fundamentado na própria Caridade, em Deus.

É nela (caridade), com ela, e por meio dela que o agir da Igreja é possível; e fora dela é impossível haver a verdade integral. Assim notou Cipriano ao combater as heresias; sendo muitas delas advindas do paganismo.

Para uma autêntica apologética contra os erros que afetam a Igreja, tanto interna quanto externamente, é mais do que primordial a consolidação da doutrina e, sobretudo da fé da comunidade. Estas heresias afastavam e afastam ainda hoje, sobretudo, a caridade que é a união e o marco do cristianismo. Sem ela, nega-se o agir de Cristo que é propriamente a caridade presente e expressada maximamente nos evangelhos.

Assim, pela Caridade, é possível o agir da Igreja enquanto instituição: divina e humana, vinculada pela perfeição batismal. Fundada sobre o Cristo que é divino e humano, e, portando, não possui em si pecado. Esta é a sua identidade: ser reflexo de Cristo-Deus. Ser santa, pois, advém daquele que a fez. E nós, membros deste Corpo, cuja cabeça é o Cristo e o coração o Magistério que, constantemente reaviva as verdades comunicadas por Deus (Sagrada Escritura).

⁵³ Cf. CIPRIANO. N.º 14; SESBOÛÉ. 2006, p. 58

⁵⁴ Idem.

Esta Igreja, elã entre as realidades divinas e humanas, consolida em si a União entre os membros e a cabeça. A qual se denomina Igreja de Cristo. Ela vive da/pela Caridade que brotam de Deus. Mas este reino divino somente poderá permanecer tal e qual fora feito; na Unidade, em torno das mesma e única Fé. A Fé que fora outrora confiada aos Apóstolos, e ainda mais a Pedro como o primaz da Igreja.

A Igreja, enquanto peregrina nesta terra, só conseguirá alcançar seu termo, se seus mais variados membros permanecerem unidos em torno da mesma e única Fé. Uma vez recebido a veste que integra o homem no mesmo Corpo de Cristo e envoltos na mesma Caridade, ou seja, na filiação divina. Esses mesmos homens, forjados à Igreja, receberão os méritos divinos da união. Não mais uma tríplice igreja – Militante, Padecente, Celeste -, mas sim, somente a Celeste que é a própria caridade em-si-mesma.

Desta forma, aquele que se nega a professar tal Fé, ou, afastando-se dela, e não se une à Caridade; segundo São Cipriano, chega a negar as próprias graças dadas aos filhos de Deus. Vem a se tornar um “adúltero” da fé, porque manchou e tentou romper a veste de Cristo. A sua Igreja.

Referências

- AMARAL, Miguel de Salis. **“Fora da Igreja não há salvação” a releitura que o Vaticano II fez duma famosa tese teológica vista a 50 anos do seu início.** Teocomunicação. Porto Alegre, 2012.
- ANTOLOGIA LITÚRGICA. **Textos litúrgicos e canônicos do primeiro milênio.** 2ª edição. Secretariado Nacional de Liturgia, Casa Santa Ana. 2015. p. 201-223.
- AQUINO, Santo Tomás. **Suma Teológica**, Vol. IV. Questão 66. Do que concerne ao Sacramento do Batismo. Trad. Alexandre Correia. Editora Ecclesiae e Permanência. 2016 [Vol. I].
- BARBOSA, DIMAS LARA. **A questão da verdadeira Igreja e o diálogo ecumênico.** Perspectiva Teológica. 2000, p. 259 – 270.
- BOARDMAN, Alex Graminho. **Extra ecclesiam nullasalus: percurso histórico e atualidade do axioma.** 2015. 112 fs. Dissertação. (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, PUCRS. Porto Alegre.
- BRODBECK, Rafael Vitola. **Curso de Patrologia e Patrística.** <<https://patrologia.club.hotmart.com/lesson/vROxJjQKeD/aula-33-sao-cipriano?tab=olderComments>>. Acessado em 11 de abr de 2019.
- CAMARA, Jaime de Barros. **Apontamentos de história eclesiástica.** 3ªed. Vozes, Petrópolis, Rj. Rio de Janeiro – São Paulo, 1957 p. 29 – 58.
- CIPRIANO. **De Catholicae Ecclesiae Unitate.** Disponível em: <http://www.ultramontes.pl/cyprianus_de_unitate.pdf>. Acessado em: 07 de Ag de 2019.
- DA SILVA, Gilvan Ventura. **Protegendo o “corpo” da Igreja: as representações dos lapsi e judaizantes como enfermos por Cipriano e João Crisóstomo.** Soares, Carolline da Silva. Revista Jesus Histórico, 2013.
- DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires.** Quadrante, 2014, p. 347 – 384. [Vol.].
- DE BONI, Luis Alberto. **O estatuto das perseguições dos cristãos no Império Romano.** Marília. UNESP. 2014.
- DENZINGER, Enrique. **El Magisterio de la Iglesia.** Barcelona, editorial Herder 1961, N.º 88 p. 32.
- HAMMAN, Gauthier Adalbert. **Os Padres da Igreja.** Edições Paulinas. Pg. 5- 75.

INSUELAS, João Baptista Loureço. **Curso de Patrologia**. 1943, Braga. Disponível em: <<http://www.obrascaticas.com/livros/Patrologia/Curso%20de%20Patrologia%20Joao%20Baptista%20Lourenco%20Insuelas.pdf>>.

IRINEU, Santo, Bispo de Lião, **Contra as Heresias**. Trad. Lourenço Costa. – São Paulo: Paulus, 1995. – Coleção Patrística. [Vol. 4]

JÚNIOR, João Luiz Correia. **Roteiro para analisar textos da Bíblia**. São Leopoldo: Centro de Estudos Bíblicos – CEBI. 2017. p. 19 – 21.

BENTO XVI. **Audiência geral, São Cipriano**. Vaticano, It. 2007.

MANNUCCI, Ubaldo. **Instituzioni de Patrologia ad uso Delle Scuole Teologiche part I Epoca antenicena**. São Cipriano; vita, opere, sua dottrina teológica.. Roma, Libreria Editrice Religiosa, 193 p. 127 – 1401.

SESBOUÈ, Bernard. **Fuera de la Iglesia no hay salvación, historia de una fórmula y problemas de su interpretación**. Trad. Miguel Montes. Ediciones Mensajero, 2006. p. 51 – 64.

SIGFRIDO, Huber. **Documentos de la Iglesia Antigua**. Los Santos Padres. Edt. Desclee, 1946, p. 17-61 [Vol. I].

_____. **Documentos de la Iglesia Antigua**. San Cipriano. Edt. Desclee, 1946, p. 291-331 [Vol.].

_____. **Documentos de la Iglesia Antigua**. Los apologistas; San Cipriano - De la Unidad de la Iglesia Católica. Edt. Desclee, 1946, p. 314-325 [Vol. I].

VERITATIS. **São Cipriano pensava como protestante**. Disponível em: <<https://www.veritatis.com.br/sao-cipriano-pensava-como-protestante/>>. Acessado em: 11 Abr 2019.

